

UMA UTOPIA POSSÍVEL: “CÉLULAS” DE *WALDEN TWO*

HÉLIO JOSÉ GUILHARDI¹

A palavra utopia significa em nenhum lugar. *Walden Two*, de B. F. Skinner, ao contrário das utopias mais conhecidas, descreve uma comunidade com características muito peculiares. A primeira delas é que *poderia* ser instalada em algum lugar. Duas experiências concretas o demonstraram: a primeira delas ocorreu em Twin Oaks, Virgínia, EUA, a partir de 1967. A experiência da comunidade foi relatada por Kathleen Kincade, no livro *A Walden Two Experiment: the first five years of Twin Oaks Community*. Dificilmente poderíamos dizer que a experiência de Twin Oaks foi uma aplicação apropriada das propostas de Skinner. Faltou-lhe base conceitual. E a generalização das propostas do livro para a realidade prática foi pobre e exageradamente contaminada por padrões de comportamento, sensibilidade a reforçadores e práticas de contingências coercitivas típicas de comunidades pré-*Walden Two*. A segunda experiência, *Los Horcones*, foi instalada no México em 1977. Existe até hoje, enfrentando uma série de problemas que a legitimou como uma experiência honesta, fiel às propostas de *Walden Two*, mas com uma organização arbitrária (que se propôs, sem sucesso, a ser natural), pondo em dúvida se o cotidiano em *Los Horcones* se caracteriza mesmo pela operação de contingências de reforçamento descritas por Skinner no *Walden Two*.

A segunda característica peculiar em *Walden Two* é que o planejamento e a implementação da comunidade descrita por Skinner é completamente viável. Não exige investimentos exagerados, não se baseia em tecnologia material sofisticada a ser criada (como em *Admirável Mundo Novo*; *2001 Uma Odisseia no Espaço*; *1984* etc.). Essencialmente, a tecnologia necessária já existe, embora seja extremamente complexa e esteja em contínuo processo de desenvolvimento. Ela envolve o conhecimento do ser humano a partir da análise científica do comportamento do homem. Basicamente, o sucesso de *Walden Two* depende do domínio do conhecimento da Ciência do Comportamento Humano – sua metodologia de pesquisa e seus produtos – e da ininterrupta continuidade do exercício da Ciência do Comportamento para estender a compreensão do comportamento a partir da pesquisa. Ao mesmo tempo, depende de um profundo conhecimento da filosofia da Ciência do Comportamento: o Behaviorismo Radical. O conjunto filosófico da obra de Skinner – ampliado por estudiosos de seus escritos – é um referencial consistente para sistematizar conceitualmente os dados da Ciência do Comportamento e estendê-los com parcimônia, a fim de se elaborar uma

¹ Publicado originalmente em maio/2004, no boletim ABPMC Contexto nº 29

compreensão do ser humano que permita ao homem uma vida melhor, em ambiente físico e social preservados e construídos por ele para funcionar harmoniosamente em favor da geração presente e para seus descendentes. Frazier, personagem central do livro, afirma:

O único fato que eu poderia gritar a todo pulmão é que a Vida Ideal está esperando por nós. Ela não depende de mudança no governo ou das máquinas no mundo da política e nem se está aguardando um aperfeiçoamento da natureza humana. Neste exato momento, temos as técnicas necessárias, tanto materiais como psicológicas, para criar uma vida plena e satisfatória para todos. (1978, p.196)

Pertenço à geração de 1968: o ano que não terminou (citando Zuenir Ventura), que propunha movimentos de contracultura e estilos alternativos ao modo corrente de vida, não importando se eram sonhos materializados em experiências passageiras sem nenhuma perspectiva duradoura. O importante era mudar, já; a preocupação com o futuro ficava subjacente, Mas isso passou... os sonhos não. Para mim, a essência de *Walden Two* não envelheceu.

Desde sua publicação em 1948, muito mais se conhece sobre o comportamento humano. Novos dados poderiam ser incorporados ao planejamento de *Walden Two*, integrando-se à evidência de que uma comunidade se constrói com comportamentos de pessoas, que produzem consequências, que selecionam comportamentos e, desta maneira, tornam a sociedade heterogênea, a partir das variações comportamentais selecionadas. A essência da proposta de *Walden Two*, porém, permanece irretocável.

A criação de um novo *Walden Two* poderia partir da proposta original de Skinner e, em pouco tempo, as contingências de reforçamento em operação assumiriam suas funções e modelariam o *Novo Walden*, além do planejado: real, possível e em processo contínuo de evolução para... melhor. Skinner pensou a essência. A nós poderia caber a implementação num contexto real.

Walden é uma sociedade experimental não porque seja fundada sobre um experimento, mas porque a experimentação ocorre constantemente dentro da mesma. Pouca coisa é considerada fixa ali. Se as coisas não funcionam bem, elas são mudadas; novos métodos estão sendo constantemente testados para se verificar se são melhores do que os anteriores. Frazier diz que ele planejou Walden Two "não como um arquiteto planeja um edifício, mas como um cientista planeja um experimento: a longo prazo, incerto das condições que encontrará pela frente, mas sabendo como as tratará quando aparecerem". (Freedman, 1973, p.63)

“Célula” de Walden Two

Não penso mais em construir um *Walden Two utópico*: em nenhum lugar e nem em outro lugar. Penso que o *Walden Two* possível está próximo: na minha casa, no meu trabalho, em todos os ambientes que frequento, enfim. Os

habitantes de meu *Walden Two* são meus familiares, meus amigos, meus colegas de trabalho, meus alunos, as pessoas com as quais convivo cotidianamente: o rapaz do caixa da padaria; a mocinha que me serve café ou me vende um livro; o rapaz que cuida do carro; o carteiro... Nem penso em mudar a sociedade geral. Reconheço meus limites. Não sou, porém, pessimista. *Walden Two* não começou com o pressuposto de que os homens são naturalmente bons, sociáveis. Concordo com Frazier quando afirma que em *Walden Two* não estamos:

... filiados à filosofia do bem ou do mal inatos. Mas temos fé em nosso poder de mudar o comportamento humano. Podemos tornar os homens aptos a viver em grupo – para a satisfação de todos. Esta era a nossa fé, agora é um fato. (p.199)

Se me relacionar bem com as pessoas que me cercam, estarei ativamente contribuindo para que uma “célula” de relacionamento humano funcione com características de *Walden Two*. Os analistas de comportamento não somos poucos: muitas “células” de *Walden Two* podem ser criadas. Quem sabe algumas podem ser “células-tronco” de uma variação social. Nada precisa começar de forma muito complexa. Afinal, acreditamos em modelagem de comportamento, *fading in* e *fading out* de estímulos, em técnicas de mudança gradual, enfim. Dois parâmetros norteadores bastariam como ponto de partida para a ação iniciadora. Em primeiro lugar, a utilização de contingências amenas de reforçamento positivo. O reforço positivo forte também submete, escraviza e gera sentimentos exagerados de ansiedade, de expectativa, que são adversos. O reforço positivo ameno fortalece comportamentos de aproximação, de cooperação, com mínimos padrões de contracontrole ou de fuga-esquiva e produz sentimentos de bem-estar, satisfação, liberdade etc. O segundo parâmetro norteador seria a minimização do uso de contingências de reforçamento coercitivas, sempre buscando tornar amenos os eventos aversivos – dentro dos limites de nosso poder. É preciso reconhecer que é impossível uma vida sem a presença de contingências de reforçamento aversivas, físicas e sociais; também não há eficácia em desejar, passivamente, que o controle coercitivo deixe de existir. O que se pode fazer é emitir comportamentos com a função de amenizar a frequência e a intensidade das consequências aversivas e de desenvolver padrões apropriados de comportamentos de fuga-esquiva e de contracontrole sobre os comportamentos de um controlador déspota. O enfoque nas “células” de *Walden Two* deve ser sobre a análise e implementação de contingências de reforçamento, pois são estas as unidades de análise e de intervenção. São elas que produzem sentimentos e comportamentos. Devidamente selecionadas e implementadas, as contingências de reforçamento produzem bem-estar e desenvolvimento comportamental para cada pessoa e para os membros do grupo social, a curto e a longo prazo. Não basta, mas é um

começo possível e promissor. Afinal, se não formos capazes de programar nosso pequeno mundo, pouco poderemos fazer por um mundo maior.

Podemos encerrar com as palavras do próprio Skinner (1978):

A opção é clara: ou não fazemos nada e admitimos que um futuro miserável e, provavelmente, catastrófico nos surpreenda, ou empregamos nosso conhecimento sobre o comportamento humano para criar um ambiente social em que levaremos vidas produtivas e criativas, sem com isso comprometer as possibilidades daqueles que nos seguem, para que possam fazer o mesmo. (p.66)

Referências:

FREEDMAN, A. (1973) *Uma Sociedade Planejada: uma análise das proposições de Skinner*. EDUSP: São Paulo.

KINCADE, K. (1974) *A Walden Two Experiment: the first five years of Twin Oaks Community*. William Morrow.

SKINNER, B. F. (1948) *Walden Two: uma sociedade do futuro*. 2ª edição. Editora Pedagógica e Universitária Ltda.: São Paulo, 1978. Publicação original: 1948.

SKINNER, B. F. (1978) *Reflections on Behaviorism and Society*. Prentice-Hall: Englewood Cliffs.